



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6327 - Pôster - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 08 - Educação Superior

Formação humana nas universidades comunitárias

Débora Peruchin - UCS - Universidade de Caxias do Sul

Lucas Josias Marin - UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí

FORMAÇÃO HUMANA NAS UNIVERSIDADES COMUNITÁRIAS

Neste estudo, pretendemos abordar aspectos a respeito de como as universidades comunitárias podem contribuir para fomentar a formação humana com vistas ao desenvolvimento de sua região de abrangência. Este trabalho resulta da aproximação entre nossas pesquisas de Doutorado, em andamento, em Programas de Pós-Graduação em Educação. Apresentamos de antemão parte da conceituação utilizada em nossos projetos de tese.

Nossas pesquisas estão inseridas no cenário do ensino superior e investigam aspectos da formação humana ao longo do percurso acadêmico de estudantes de graduação. Ambas são realizadas em universidades comunitárias.

Vannucchi (2011) explica que as universidades comunitárias atuam com foco nas demandas de sua região e a serviço da comunidade. Seus projetos são pautados em investimentos socioeconômicos em sua região de abrangência. A gestão das universidades comunitárias é caracterizada pela democracia representativa e por não ter fins lucrativos (SCHMIDT, 2008).

A definição de universidade comunitária perpassa pela participação ativa na comunidade e pela presença da comunidade na universidade. Suas origens remontam ao interesse e à necessidade da região (MARIN, 2017). Tais universidades investem na busca de resultados relevantes ao desenvolvimento da comunidade. De acordo com Vannucchi (2011), a produção de conhecimentos significativos para a região, a promoção de egressos conscientes de sua cidadania e a atuação na realidade social de maneira positiva são características essenciais às universidades comunitárias.

Morés (2017) explica que a universidade se constitui como uma instituição social

com referência na sociedade e baseada nos princípios e relações sociais da comunidade em que está inserida. A universidade projeta novas ações e visões de futuro, transformando os modos de compreender, ver e produzir conhecimento. A partir da percepção das características sociais, econômicas e políticas da comunidade, a prática social da universidade perpassa pela análise de sua própria função social e do reconhecimento público de suas atribuições (MCCOWAN, 2016).

Ao propor-se a acolher as demandas da sociedade, a universidade configura-se como uma instituição emancipatória e que não pode estar fechada em si mesma. A sistematização e disseminação do conhecimento científico e tecnológico em todos os segmentos da sociedade é parte do papel da universidade, buscando responder às necessidades de seu contexto social (MORÉS, 2017).

Nos processos de ensino e aprendizagem, é importante que a universidade promova situações que reflitam positivamente na sociedade, considerando as experiências educacionais como uma etapa do desenvolvimento e não como ápice desse percurso (MORÉS, 2017). Para Freire (2010), a formação de profissionais deve englobar a compreensão do ser humano como um ser que é político, social e cultural. A formação humana, portanto, não é alcançada com um treinamento que é apenas técnico.

Assim, para refletir sobre a universidade no século XXI, é necessário que esta proporcione oportunidades teóricas e práticas para o enfrentamento dos dilemas contemporâneos. É nesse contexto que a universidade deve promover uma formação que prepare tanto para o mercado de trabalho, com o conhecimento técnico-científico, como para o desenvolvimento de cidadãos que se relacionem com o mundo com autonomia, responsabilidade e comprometimento (PERUCHIN, 2019).

Para além da formação profissional, portanto, o foco da universidade deve ser a formação humana. A verdadeira formação universitária, segundo Paviani (2010), envolve a comunicação social do conhecimento, a constituição da autonomia dos sujeitos e o desenvolvimento de uma mentalidade sensível à necessidade do Outro.

Com o processo de individualismo vivido na contemporaneidade, o Outro é considerado apenas como objeto (BUBER, 2001). Assim, um dos aspectos que deve ser destacado nos percursos de formação humana na universidade é a socialização a nível de convivência. A aprendizagem ocorre a partir da relação do Eu com os demais sujeitos e o ambiente, inserida em um processo de socialização que promove a formação humana a partir da relação de abertura ao Outro (MARIN; STECANELA, 2018).

No contexto da educação, a aprendizagem ocorre a partir da abertura ao Outro, aceitando-o como fonte de inspiração e de experiências. A relação com o Outro humaniza o sujeito. Dessa forma, abrir-se ao Outro proporciona aprender e socializar. Entendendo a convivência como uma forma de socialização, percebe-se sua importância para o desenvolvimento e constituição do Eu (MARIN; STECANELA, 2018).

Na formação humana, a capacitação instrumental é superada pelo desenvolvimento do sujeito em sua individualidade e na convivência coletiva. Uma das habilidades que se espera desenvolver é a autonomia, por meio da qual o sujeito poderá decidir por si mesmo as regras e limites que seguirá, sem a necessidade de submeter-se às regras impostas por agentes externos (SANTOS; POLICARPO JUNIOR, 2015; MARIN; STECANELA, 2018).

Freire relaciona os processos de ensino e aprendizagem e defende que o ato de ensinar não pode ser considerado como uma situação de transferência de conhecimentos, ou como uma ação em que o docente “dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado” (2010, p. 23). Pelo contrário, a docência é considerada por Freire como dimensão social da formação humana, em que o processo de ensino considera e valoriza a formação moral do sujeito (PERUCHIN, 2019).

Em seus trabalhos na alfabetização de adultos, Freire (2010) defende que a educação esteja vinculada ao cotidiano dos educandos, para que este possa inserir-se em sua vida social e política de forma crítica e ativa. O mesmo vale para o ensino superior, especialmente nas universidades comunitárias, que devem organizar seus processos de ensino e aprendizagem a partir e para a comunidade.

É importante que os currículos dos cursos universitários integrem um conjunto de experiências que abarquem tanto a formação humana quanto a formação técnica. Marin e Stecanela (2018) destacam que um dos recursos que podem enriquecer esse processo diz respeito à pesquisa, que promove o papel ativo e emancipatório dos sujeitos estudantes, em parceria com seus professores.

A pesquisa, como princípio educativo, pode potencializar os processos de ensino e aprendizagem por meio da problematização das investigações, o que promove a cooperação, a interdisciplinaridade e o desenvolvimento da autonomia e autoria dos sujeitos. Há também destaque para a convivência acadêmica, a partir da vivência científica e do compartilhamento de percursos e resultados, além da construção de conhecimentos em conjunto (MARIN; STECANELA, 2018).

Marin e Stecanela (2018) destacam que a interação entre estudantes e com professores pode influenciar as aspirações educacionais e profissionais dos mesmos, além de seu desenvolvimento intelectual, pessoal e social. Nesse sentido, programas de relacionamento com egressos também incentivam a interlocução de experiências acadêmicas e profissionais, beneficiando indiretamente a região de abrangência da universidade e os próprios egressos em seu desenvolvimento pessoal e em suas áreas de atuação.

A convivência, considerada essencial no processo de formação humana, pode ocorrer a partir de relações culturais, artísticas e sociais. Ao investir em espaços físicos e momentos culturais que incentivam a convivência, as universidades comunitárias beneficiam a comunidade acadêmica e a comunidade externa, que pode acessar tais espaços, como áreas verdes e outros locais planejados para incentivar a socialização e as relações interpessoais

(MARIN; STECANELA, 2018).

Com os momentos de convivência acadêmica, há compartilhamentos de ideias e o aprimoramento de estratégias de aprendizagem. Marin e Stecanela (2018) destacam que os espaços de socialização, com a participação da comunidade interna e externa, também estimulam o diálogo com órgãos do poder público, além da interação com as demais etapas do meio acadêmico e níveis da educação básica. Essa integração com a comunidade externa qualifica as ações e promove a inclusão e superação de desigualdade sociais.

Com o fomento da formação humana no ensino superior, os estudantes tornam-se sujeitos autônomos e ativos em seu percurso acadêmico. Com o desenvolvimento de sua autonomia, os sujeitos atuam socialmente e beneficiam a região em que a universidade está inserida, o que é resultado indireto das ações promovidas por ela.

Os investimentos das universidades resultam em significativos impactos sociais com a qualificação dos profissionais e sua inserção na comunidade (MCCOWAN, 2016; MARIN, 2017). Assim, os aspectos acadêmicos, profissionais e humanos da formação universitária devem ser valorizados e promovidos para a condução dos egressos à atuação na comunidade.

A educação, nesse cenário, constitui-se como um meio de aperfeiçoamento humano, por meio do desenvolvimento dos modos de compreensão, interpretação e transformação do mundo. O processo de formação humana, portanto, é fundamental para a vida acadêmica e para a constituição do sujeito como ser histórico e social, atuante e capaz de enfrentar, com autonomia e criticidade, os desafios que se apresentam na sociedade.

Neste trabalho, entrelaçamos os referenciais teóricos que utilizamos em nossas pesquisas. Ambas estão em andamento e em breve será iniciada a geração de dados e a posterior análise dos mesmos, com a culminância em teses de doutorado sobre a formação humana no ensino superior. Os temas das referidas pesquisas abordam especificamente a convivência acadêmica, a autonomia dos estudantes e seus impactos na região de abrangência das universidades comunitárias em estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Superior. Formação Humana. Universidade Comunitária.

REFERÊNCIAS

BUBER, M. **Eu e Tu**. 8 ed. São Paulo: Centauro, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 41 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

MARIN, L. J. **Formação humana na Universidade de Caxias do Sul**: convivência acadêmica em foco. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2017.

MARIN, L. J; STECANELA, N. Convivência acadêmica e formação humana: dimensões de socialização no Ensino Superior. **Educação**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 93-103, 2018.

MCCOWAN, T. Universities and the post-2015 development agenda: an analytical framework. **Higher Education**, v. 72, n. 4, p. 505-523, 2016.

MORÉS, A. A universidade e sua função social: os avanços da EaD e suas contribuições nos processos de ensino e aprendizagem. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 1, p. 141-159, 2017.

PAVIANI, J. **Problemas de filosofia da educação**. 8 ed. Caxias do Sul: Educs, 2010.

PERUCHIN, D. Contribuições de Paulo Freire para pensar a formação humana na educação superior. In: FÓRUM DE ESTUDOS: LEITURAS DE PAULO FREIRE, 21, 2019, Caxias do Sul, RS. **Anais [...]** Caxias do Sul: Educs, 2019. v. 1.

SANTOS, C. I.; POLICARPO JUNIOR, J. Learning to live together in peace and harmony: um olhar comprometido com a formação humana. **Conjectura: Filosofia e Educação**, Caxias do Sul, v. 20, n. 2, p. 94-111, 2015.

SCHMIDT, J. P. O caráter público não-estatal da universidade comunitária: aspectos conceituais e jurídicos. **Revista do Direito**, Santa Cruz do Sul, n. 29, p. 44-66, 2008.

VANNUCCHI, A. **A universidade comunitária: o que é, como se faz**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2011.